

O reggae e a transformação da “Atenas brasileira” em “Jamaica brasileira”

Roberto Augusto A. Pereira¹
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo: Este artigo analisa a transformação identitária de São Luís do Maranhão a partir da expansão do reggae, inserindo esse processo em dinâmicas mais amplas do século XX, nas quais práticas culturais negras e locais se tornaram símbolos identitários. Argumenta-se que a consolidação de um mercado de entretenimento, impulsionado pelo rádio, pela televisão e pelos espetáculos ao vivo, foi fundamental para essa mudança. O reggae, inicialmente restrito às periferias e associado à marginalidade, expandiu-se progressivamente entre diferentes camadas sociais, graças à atuação de DJs, produtores e comunidades negras. Essa difusão não resultou de uma apropriação estatal ou elitista, mas de um processo contínuo de agenciamento cultural. A emergência da ideia de “Jamaica brasileira” revela a formação de uma comunidade imaginada mediada pelos meios de comunicação. Apesar das resistências iniciais das elites, o reggae redefiniu o imaginário urbano de São Luís, evidenciando o papel das culturas subalternas na construção de identidades coletivas.

Palavras-chave: reggae; identidade cultural; São Luís do Maranhão; mídia; diáspora africana.

Reggae and the transformation of the “Brazilian Athens” into the “Brazilian Jamaica”

Abstract: This article examines the transformation of São Luís do Maranhão’s identity through the expansion of reggae, situating it within broader twentieth-century processes in which local Black cultural practices became symbolic markers. It argues that the consolidation of an entertainment market, driven by radio, television, and live performances, was crucial to this shift. Initially confined to marginalized spaces and associated with social stigma, reggae gradually expanded across different social groups through the agency of DJs, producers, and Black communities. This process was not the result of state or elite appropriation, but of sustained cultural agency from below. The emergence of the idea of a “Brazilian Jamaica” reflects the formation of an imagined community shaped by media circulation. Despite resistance from local elites, reggae ultimately redefined the city’s symbolic landscape, highlighting the central role of subaltern cultures in shaping collective identities.

Keywords: reggae; cultural identity; São Luís do Maranhão; media; African diaspora.

¹ Roberto Augusto A. Pereira é capoeira, documentarista e doutor em história comparada pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Entre 2019/2020 foi “visiting fellow” na Universidade de Harvard. Autor do livro “A capoeira do Maranhão entre as décadas de 1870 e 1930” (Iphan/2019). Escreve a convite do Afro-Cebrap (Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial). <https://lattes.cnpq.br/6090857433949681> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4621-0439>

Transformação identitária

A conquista do mercado de entretenimento é uma das chaves para se compreender um dos fenômenos que marcou o século 20: a transformação de práticas negras e locais, amplamente desconhecidas fora de seus pontos de origem, como o samba carioca, a capoeira baiana ou o frevo pernambucano, em símbolos de identidade de cidades, estados e do Brasil.

As evidências indicam que o agenciamento de artistas e grupos negros em espetáculos no Brasil e no exterior, levando tais práticas ao *showbusiness*, assim como à rádio, ao cinema e à tevê – algo intensificado a partir dos anos 1950 -, foi um fator primordial para essa metamorfose.

Todavia, no Brasil, esse complexo processo não ocorreu apenas com práticas brasileiras. O caso da tardia transformação identitária pela qual passou São Luís do Maranhão, nas últimas décadas, é emblemático e serve de mais um exemplo ilustrativo dessa tese. A capital maranhense orgulhosamente identificada por intelectuais, governantes e moradores como a “Atenas Brasileira” e “cidade fundada por franceses”, referenciais claramente europeus, transformou-se, com a chegada e expansão do reggae jamaicano, por volta do fim da década de 1970, na afro-diaspórica Jamaica Brasileira.

O reggae, inicialmente restrito à periferia e amplamente associado pelas mídias locais à violência e ao consumo de “drogas”, foi aos poucos conquistando espaço, ocupando clubes, promovendo eventos, shows, atraindo aliados, adeptos, mediadores e consumidores entre as diversas camadas sociais.

No final da década de 1980, movimentando um mercado de entretenimento cada vez mais pujante, a música jamaicana, através dos djs de reggae, já havia conquistado o rádio, tornando possível sua difusão para um público muito mais vasto do que aquele que frequentava os clubes, barracões e bares da periferia.

Junto com a música, que passara a alcançar toda a grande São Luís, difundiu-se, pelas ondas do rádio, a ideia de que, além de Atenas e cidade fundada por franceses, São Luís era, também, a Jamaica Brasileira.

Essa ideia de uma nova identidade para a até então Atenas fundada por franceses não partiu de qualquer setor da intelectualidade, no sentido geralmente atribuído ao termo. Foi gestada em meio às festas de reggae que agitavam a cidade de São Luís, com milhares de “regueiros” e “regueiras” – os adeptos do reggae – centenas de bares, clubes, dezenas de djs, radiolas gigantescas e shows de cantores vindos direto da Jamaica.

Essa nova identidade negra, imediatamente rechaçada pela presumida elite intelectual, econômica e política de São Luís, tão zelosa de sua identidade europeia, foi amplamente difundida

em programas de reggae diários, veiculados pelo rádio, que atingiam não apenas a capital, mas todo o Maranhão.

Como afirma um estudioso do assunto, “a partir da compra do espaço nas mídias radiofônicas e televisivas local, os empresários, donos de clube e de radiolas começaram a veicular seus eventos, seus produtos culturais e sua identidade para um número bem maior de pessoas”¹.

A conquista do mercado de entretenimento é uma das chaves para se compreender um dos fenômenos que marcou o século 20: a transformação de práticas negras e locais, como o samba carioca, a capoeira baiana ou o frevo pernambucano, em símbolos de identidade de cidades, estados e do Brasil

O trabalho cotidiano – e, com certeza, não intencional – de difusão de uma identidade negra-jamaicana-afro-caribenha para a ilha negra de São Luís, iniciado nas rádios, foi logo reforçado pelos diversos programas de tevê locais surgidos nos anos 1990 e dedicados ao ritmo afro-caribenho. Xequ mate. Só restou aos velhos intelectuais se render à nova realidade. Seu lamento e contestação, à época, expresso pelas páginas da imprensa escrita, não atingiu o grande público, mais afeito a se informar através do rádio e da tevê. Como afirma o historiador Marshall Eakin, em seu “Becoming Brazilians” (Tornando-se Brasileiros, em tradução livre), foi a ascensão do rádio, do cinema e da TV que possibilitou a criação de uma “comunidade” de dezenas de milhões de brasileiros e, eventualmente, permitiu que eles se “imaginassem” como parte de um povo brasileiro e de uma nação brasileira². Ou seja, essa “comunidade imaginada” brasileira foi resultado de um longo processo de construção que envolveu, dentre outras coisas, a expansão das referidas tecnologias que ligaram o país, assim como a difusão por meio delas de um discurso de brasilidade.

O caso do reggae na ilha maranhense, por sua vez, não destoa desse modelo. A criação e expansão de um vigoroso mercado de entretenimento e a posterior conquista do rádio e da TV pelos djs e produtores ligados ao ritmo caribenho possibilitaram a uma ampla comunidade de ludovicenses se imaginarem como pertencentes a uma Jamaica “brasileira”.

Em outras palavras, a divulgação da ideia ou do discurso de uma ilha “regueira”, de uma “Jamaica brasileira”, e sua incorporação por ampla parcela da população local – algo ocorrido em meio a uma intensa guerra cultural travada entre segmentos sociais diversos de São Luís -, só foi possível com a veiculação dessa ideia/discurso pelas ondas do rádio e da TV.

Essa transformação identitária, contudo, não ocorreu “do dia para a noite”, nem se desdobrou sem oposição. Da chegada da música jamaicana a São Luís ao reconhecimento e sua importância pelo Estado, transcorreram décadas. Ao longo desse percurso, como frisado anteriormente, alguns setores se insurgiram contra a designação da ilha como a nova Jamaica.

Um dos porta-vozes desse segmento, para se ter ideia, clamava pelas páginas da imprensa que se repudiasse “tamanho e tão deplorável abuso”, pois, não se conheciam na história da Jamaica “feitos nos campos das letras, artes, ciências”. A contraposição Atenas/civilização versus Jamaica/barbárie e o racismo do autor se desenvolvem por todo o texto³.

Apesar da resistência inicial do Estado, das elites e da preconceituosa cobertura da imprensa, a música jamaicana lentamente conquistou não apenas a ilha do Maranhão, mas transformou sua identidade. Nos dias de hoje, por exemplo, raramente se ouve falar da Atenas brasileira ou da cidade fundada por franceses. Enquanto, o epíteto de Jamaica brasileira é amplamente divulgado e cultivado, até mesmo pelo Estado, que inaugurou há poucos anos o primeiro museu de reggae fora da Jamaica.

Nesse sentido, é um equívoco pensar essa transformação identitária por que passou a ilha do Maranhão como produto de uma ação do Estado ou da indústria cultural, que teriam se apropriado do reggae, quando este virou moda ou quando fora adotado pelas elites “brancas”, conforme ainda afirmam alguns importantes estudiosos. Tal perspectiva de análise segue a velha e batida interpretação advogada pelos movimentos negros de que a cultura negra inicialmente reprimida e desprezada, em determinado momento, quando se torna “moda” entre os brancos, é apropriada.

Pensar desta forma é silenciar a dura trajetória de agenciamento da própria comunidade negra, que resistiu por décadas em clubes, bares e festas na periferia, suportando a violência policial e midiática. Comunidade que propôs, adotou e difundiu o discurso de que, a despeito de ser Atenas, São Luís também poderia ser a Jamaica, capital brasileira do reggae.